

FÁBULA: UM GÊNERO E DOIS CAMINHOS

Antonio Rodrigues Belon¹

Fulvia Maria Giarretta de Almeida Furquim²

RESUMO: *A fábula, na Antiguidade Clássica, era utilizada como uma forma de ensinamento para as pessoas adultas. Na contemporaneidade, mesmo seguindo a estrutura básica da fábula, narrativas satíricas, com temas complexos e passíveis de várias interpretações fazem parte do processo de escritura do paranaense Wilson Bueno. O estudo em andamento tem como objetivo apresentar as diferenças entre as narrativas clássicas, modernas e contemporâneas, primordialmente no que diz respeito ao sentido produzido pelo texto.*

PALAVRAS-CHAVE: fábulas ; contemporâneo; reescritura

Este trabalho propõe uma análise dos livros de fábulas do escritor paranaense Wilson Bueno, que se apropria das fábulas clássicas, produzindo um texto contemporâneo e somente superficialmente parecido com os demais.

Esse gênero literário, a fábula, tem a origem tão incerta quanto o nome de seu primeiro propagador. O que se comprova é que as fábulas fazem parte de um gênero literário que teve início antes mesmo da escrita, sendo um modo universal de construção discursiva.

Porém as fábulas mais conhecidas, aquelas transmitidas primeiramente pela tradição oral, por um “incerto” fabulista grego chamado Esopo que nasceu e viveu entre os séculos VII e VI a.C. Mais tarde, foram recolhidas e registradas quase seiscentas fábulas a ele atribuídas, sendo que essas fábulas foram reunidas somente no século IV a.C. por um discípulo de Aristóteles, Demétrio de Falero. Além disso, Heródoto que viveu no século V a.C. também escreveu uma biografia sobre o fabulista, dado este que dá maior consistência à real existência de Esopo.

Muitas são essas fábulas disseminadas por todo o mundo, algumas delas conhecidas e até os dias atuais várias são inseridas em parte dos livros didáticos do país e destinadas ao público infantil, diferentemente daquelas transmitidas por Esopo, que eram utilizadas como forma de ensinamento para adultos.

Um dos motivos que possibilitou esta mudança de foco foi a abordagem realizada no modernismo pelo escritor brasileiro Monteiro Lobato, que publica em 1921 seu livro *Fábulas*, no qual ele reescreve as fábulas de Esopo e La Fontaine, dando uma nova roupagem.

Lobato escreve um livro com a intenção de que este fosse plenamente infantil e que atingisse esse público por meio do entretenimento e não do ensinamento como era o costume até então. Ao inserir personagens próximos ao mundo infantil, o escritor tem ótima aceitação, e ainda hoje permanece com *O sítio do pica pau amarelo* na rede de televisão brasileira.

Porém, mesmo a inserir esses personagens e ter uma proposta de mudança, a fábula como forma de ensinamento não deixa de estar presente, seja pelo próprio

¹ Professor Doutor, UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. arbelon@uol.com.br

² Mestranda, Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Letras, UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. fulvia.giarretta@bol.com.br

conteúdo do texto, seja pela fala dessas personagens que reforçam ainda mais a idéia de lição moral.

Para fazer uma ilustração dessa questão é apresentada a fábula *A rã sábia*:

Como a onça estivesse para casar-se, os animais todos andavam aos pulos, radiantes, com olho na festa prometida. Só uma velha rã sabidona torcia o nariz àquilo.

O marreco observou-lhe o trejeito e disse:

- Grande enjoada! Que cara feia é essa, quando todos nós pinoteamos alegres no antegoço do festão?

- Por um motivo muito simples – respondeu a rã. Porque nós, como vivemos quietas, a filosofar, sabemos muito da vida e enxergamos mais longe do que vocês. Responda-me a isto: se o sol se casasse e em vez de torrar o mundo sozinho o fizesse ajudado por dona sol e por mais vários sóis filhotes? Que aconteceria?

- Secavam-se todas as águas, está claro.

- Isto mesmo. Secavam-se as águas e nós, rãs e peixes, levaríamos a breca. Pois calamidade semelhante vai cair sobre vocês. Casa-se a onça, e já de começo será ela e mais o marido a perseguirem os animais. Depois aparecem as oncinhas – e os animais terão que agüentar com a fome de toda a família. Ora, se um só apetite já nos faz tanto mal, que será quando forem três, quatro e cinco?

O marreco refletiu e concordou:

- É isso mesmo...

Pior que um inimigo, dois: pior que dois, três... (LOBATO, 1982, p. 425)

Após a fábula, o narrador acentua ainda mais a questão moral introduzindo um diálogo entre as personagens criadas pelo autor:

- Esta fábula nos mostra – disse Dona Benta, que quem só enxerga um palmo adiante do nariz está desgraçado. **As criaturas verdadeiramente sábias olham longe (grifo nosso)**. Antes de fazer uma coisa, refletem em todas as conseqüências futuras de seu ato.

- Eu enxergo cem metros adiante do meu nariz! – gabou-se Emília. Narizinho fez um muxoxo.

- Gabola! Vovó já disse **que louvor em boca própria é vitupério. (grifo nosso)**

- Mas é verdade! – insistiu Emília. Naquele caso da compra das fazendas para aumentar o Sítio do Pica-Pau Amarelo, quem viu mais longe? Dona Benta, Pedrinho ou eu? Eu...

- Perfeitamente, não nego – disse a menina. Mas o feio é andar se gabando. Espere que os outros te gabem. Posso dizer assim, vovó – “espere que os outros te gabem?”

Dona Benta riu-se.

- Pode, minha filha, porque não há nenhuma gramática por perto... (LOBATO, 1982, p. 425)

Portanto, pode-se afirmar que houve uma mudança no direcionamento do público alvo, mas a moralidade se faz presente no texto e é ainda mais acentuada por meio do diálogo que reafirma a idéia contida na fábula.

Assim sendo, para compreender esse gênero literário uma das definições de fábula se segue:

As fábulas são narrativas – em prosa ou em verso – que geralmente apresentam animais como personagens. Animais que pensam, sentem, agem e falam como se fossem pessoas. Mas as fábulas não apresentam só animais como personagens. Há fábulas sobre objetos, sobre plantas, sobre estações do ano, sobre a morte, sobre pessoas. As fábulas mostram pontos de vista sobre comportamentos humanos. Ou seja, recomendam certos comportamentos e censuram outros, que devem ser evitados. Esse ponto de vista – ou opinião – costuma ser explicitado no início ou no fim das fábulas e é chamado lição ou moral. (LAJOLO, 2005).

As fábulas eram então transmitidas, dando especial atenção à lição moral nelas presente, fato este que se comprova nos livros, quando se observa o destaque dado à moral, que aparece separada do restante do texto. Pode-se perceber este fato nos conhecidos de textos de Esopo que se seguem:

A raposa e o cacho de uvas

Uma raposa faminta viu uns cachos de uva pendentes de uma vinha; quis pegá-los mas não conseguiu. Então, afastou-se murmurando: “Estão verdes demais”.

Moral: Assim também, alguns homens, não conseguindo realizar seus negócios por incapacidade, acusam as circunstâncias. (ARGENTA, 2006. p. 31)

Nesta fábula há moral, e esta se dirige a um adulto, como todas as outras deixadas pelo grego, que, segundo a lenda, acabou assassinado em uma ilha em virtude de seus ensinamentos que foram considerados como crítica a um determinado povo.

A moral aparece então em itálico, disposta abaixo do texto e é explícita. Esta é uma constante, deixando claro que o mais importante é a lição moral e não o texto em si. Portanto, a definição que foi apresentada anteriormente é realmente muito importante para compreender esse gênero literário clássico.

Porém, para o estudo das fábulas contemporâneas, este conceito não é suficiente para compreender a complexidade da narrativa. O livro analisado neste momento é *Cachorros do Céu* (2005). Para que se possa compreender melhor o texto literário é necessário apresentar um de seus textos curtos, *Artimanhas da Pressa*,

- Adianta nada apressar o tempo... – disse a Lagarta para o Cágado.

- Quem apressa o tempo apressa a chegada da morte... – completou o Cágado.

O Macaco, que a tudo observava perfeitamente sentado debaixo de uma árvore, reticenciou – ainda com menor pressa -, soberbamente filosófico:

- É por isso... então... que os atarantados... não têm... direção...

- Só têm pressa – acusaram, em uníssono, num lento, lentíssimo, como recomendava o momento, a Lagarta e o Cágado, cientes da Vida. (BUENO, 2005, p. 15)

Percebe-se que esta é uma fábula, pois é uma narrativa que apresenta os animais como personagens, personificados, ou seja, aos quais são atribuídas características ou qualidades humanas (MOISÉS, 2004, p. 374).

Essas seriam então as características que aparentemente fazem com que haja uma relação entre este texto e seus antecedentes. Contudo, intrinsecamente, se constata uma série de divergências.

Uma questão é a ausência da moralidade explícita, o que está claro para o leitor, é um diálogo entre os animais, no qual é constatado que “quem apressa o tempo apressa a chegada da morte” (BUENO, 2005, p. 15), fato este acordado pelos três personagens, sem que seja apresentada nenhuma lição moral ao final, apenas uma constatação a respeito de um fato da vida, deixando espaço para que o leitor possa pensar a respeito do assunto, sem que tenha que tirar qualquer lição disso.

Wilson Bueno se apropria de um gênero literário apresentando uma nova possibilidade de leitura, um novo caminho de interpretação. *O sapo e o sonho* é um exemplo dessa inesgotável sensação de duplicidade:

O Sapo apaixonou-se perdidamente pela Rã. Achando que esse amor daria em nada e sofrendo muito com isso, decidiu entrar para o convento e ordenar-se padre. É ele, pois, este Sapo que reza e clama, no banhado, toda vez que chove, e a gente pensa que dorme; mas não só dorme, também sonha – com um sapo que, apaixonando-se por uma rã, e, considerando que este amor daria em nada, decidiu ordenar-se padre... E aí, era uma vez, de novo, um sapo que apaixonando-se perdidamente por uma rã... (BUENO, 2005, p. 51)

Neste pequeno texto, há então uma correspondência entre a personagem Sapo, e a personagem homem, que aparece por meio da palavra “a gente”, apresentando a história, como se não houvesse nenhuma diferença entre esses seres, sendo que os dois são possuidores de sentimentos, e que o primeiro não apenas sonha, mas pratica ações humanas.

Esse texto transmite também a idéia de uma ação contínua, pelo uso das reticências, como se essa miscelânea fosse infinita, assim como a reescrita das fábulas, que a cada período literário sofre modificações, pertinentes ao momento histórico-social, mas está sempre viva e presente, e agora não mais como objeto de ensinamento, mas de reflexão e entretenimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGENTA, Marinice. **Fábulas Esopo**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- BUENO, W. **Cachorros do Céu**. Ilustrações Ulysses Bôscolo. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.
- LAJOLO, Marisa. A narrativa na literatura para crianças e jovens. Disponível em <<http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2005/nl/meio.htm>>. Acesso em 01 maio 2006.
- LOBATO, M. **Edição Centenário: 1882 – 1982**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.